

## **Mulheres Negras: um estudo sobre cultura e identidade através dos modos de endereçamento no audiovisual do Festival Latinidades 2014<sup>1</sup>**

ROSENDO, Andrea<sup>2</sup>  
BATISTA, Maiara Carvalho<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Paraná.

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é discutir as questões de cultura e identidade, evidenciadas no 7º Festival da Mulher Afrolatino Americana e Caribenha (Festival Latinidades). Por meio da aplicação da metodologia modos de endereçamento é feito uma análise de um dos vídeos disponibilizados no canal do Youtube do Acervo Cultne: “CULTNE - Elza Soares - Latinidades 2014”. O artigo se referencia nos estudos culturais, principalmente nas considerações de Stuart Hall para falar de identidade e nos estudos culturais latinos de Néstor García Canclini para falar da identidade latina. Como resultado, este artigo visa contribuir no debate sobre a construção da identidade da mulher afro-latino-americana e fortalecimento de articulações para afrodescendentes da América Latina a partir de um dos produtos midiáticos do festival.

**Palavras-chave:** Mulher afro-latino-americana, identidade, comunicação audiovisual, modos de endereçamento.

### **Introdução**

Na América Latina os afrodescendentes representam entre 20 e 30% da população total. <sup>4</sup> Segundo pesquisadores e instituições internacionais, estima-se que existam 150 milhões de afrodescendentes em um total de 900 milhões de habitantes de toda a região. O Brasil constitui o principal destino dos africanos (38%) do total trazido para as Américas e é, na atualidade, o país da América Latina que abriga o maior número de afrodescendentes, contabilizando cerca de 97 milhões, quando considerada a soma dos autodeclarados pardos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: dearosendo@gmail.com.

<sup>3</sup> Jornalista, mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: maiah\_cb@hotmail.com.

<sup>4</sup> De acordo com a tese de doutorado “Diáspora Como Movimento Social: A Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora e as políticas de combate do racismo numa perspectiva transnacional”, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

e pretos no Censo Demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em resposta aos reflexos negativos da colonização, à perpetuação das desigualdades raciais e as exclusões a que estão submetidos, a população negra latino-americana e caribenha, a partir dos anos 80, se dá conta que a luta contra o racismo e outras discriminações exige uma compreensão integral e problematizada da situação na qual ela está inserida. Já não mais é possível ter pontos de vistas alicerçados por uma intelectualidade dominante - que por anos desconsiderou a construção de identidade e a história e cultura da população negra – pois esta conduziu processos e projetos de exclusão desses grupos.

A partir de novas percepções, ocorrem diversas mobilizações indígenas e de populações negras em busca da garantia de direitos na América Latina dos anos de 1980. E o reflexo dessas ações são os registros de medidas governamentais, por parte de alguns Estados latino-americanos e do Caribe, que promoveram o reconhecimento da diversidade cultural dos grupos que compõem as sociedades nessa região geográfica. Nos anos de 1990, há uma continuidade das reações populares. Essas reações são vistas por Andrews (2007) como movimentos para romper um ciclo de exclusão.

Apesar de a população negra resistir ao domínio da cultura predominante desde a escravidão no Brasil, a aceitação vigente durante anos de que o Brasil vivia numa democracia racial fez com que o Estado se isentasse de responsabilidades referentes à situação de desigualdades na qual estava envolvida essa população. A consequência desse tipo de pensamento pela sociedade contribuiu para manter as estruturas de privilégios amparados no discurso da igualdade racial.

Foi a partir da década de 1970, que ocorreu a ampliação dos movimentos sociais negros e de mulheres negras. Nos anos de 1980, a nação passou por um período de reformas políticas e econômicas, que possibilitou o aumento e o ‘empoderamento’ de movimentos sociais e ativistas negros. Assim como a revisão da Constituição Federal, que incluiu a pauta desses grupos, surgiram também novas áreas de pesquisa sobre a desigualdade racial. Entretanto, é somente no início deste século que se intensificaram a implementação das políticas afirmativas, as quais surgiram com o intuito de reduzir as desigualdades raciais.

Quando se observa a implementação dessas políticas e as novas ferramentas de comunicação como, por exemplo, a internet, observa-se uma polifonia de vozes negras nesse universo. Sites e portais como o Geledes, Portal Afro, Afropress, Mundo Afro,

Quilombhoje, entre outros, são algumas dessas vozes que disputam a hegemonia, fazendo surgir ‘novas’ identidades ligadas à questão étnica, como os quilombolas, as mulheres negras, os griôs da cultura afro, os afro-latinos e tantos outros que não encontravam espaço para fazer as suas vozes ecoarem para além da militância em movimentos sociais negros.

Por fim, é importante salientar que em dezembro de 2014, a ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR), Luiza Bairros, fez pronunciamento no lançamento da Década Internacional dos Afrodescendentes, em solenidade na sede da Organização das Nações Unidas - ONU, em Nova York, EUA. A Década Internacional dos Afrodescendentes foi declarada pela Assembleia Geral da ONU, através da Resolução 68/237, de 23 de dezembro de 2013. O decênio vigorará de 1º de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2024, sob o tema ‘Reconhecimento, Justiça e Desenvolvimento’.

Segundo o documento da ONU, a Década Internacional é, portanto, uma iniciativa importante e uma oportunidade para sublinhar a contribuição significativa dos afrodescendentes às sociedades; e para propor medidas concretas que promovam sua plena inclusão e o combate ao racismo, à discriminação racial, xenofobia e intolerâncias correlatas.

Nesta perspectiva, a proposta deste artigo é trazer os resultados iniciais de uma pesquisa macro<sup>5</sup> a fim de iniciar o debate sobre a cultura e identidade afro-latina. O trabalho inicia com um debate acerca da identidade afrodescendente na América Latina. Seguindo com uma breve discussão sobre a apropriação da mídia Youtube na busca de visibilidade e na disputa de hegemonia. No próximo item será detalhado a metodologia que será aplicada posteriormente, os modos de endereçamento. E por fim, os resultados iniciais da análise que está em curso. A pesquisa tem como objeto de estudo empírico um dos audiovisuais referentes à 7ª edição do Festival Latinidades - Festival da Mulher Afro-Latino Americana e Caribenha, realizado no ano de 2008.

### **Repensando a Identidade Afrodescendente na América Latina**

Para Stuart Hall (2008), a identidade está envolvida no processo de representação. Todas as identidades estão localizadas no tempo e espaço simbólicos. Diferentes das identidades nacionais - que representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias

---

<sup>5</sup> Pesquisa de mestrado em andamento da autora Andrea Rosendo, com o título “Comunicação e questão racial: cultura e identidade no Festival da Mulher Afro-latina- e Caribenha”.

particulares - as identidades culturais na pós-modernidade sofrem com os efeitos da globalização sobre elas. O que se observa na atual conjuntura são vários deslocamentos das identidades mediante as transformações da tecnologia e da cultura ou potencializados por velhas demandas identitárias.

George Reid Andrews (2007), autor de “América Afro-Latina - 1800-2000”, descreve nesta obra que encontrou o termo "América Afro- Latina" no final da década de 1970, em artigos assinados pelos cientistas políticos Anani Dzidzienyo e Pierre-Michel Fontaine. Segundo ele, os escritores e intelectuais latino-americanos há muito vinham se referindo a seus concidadãos de ascendência africana como afro-brasileiros, afro-cubanos, afro-venezuelanos, entre outros, e diz que deste uso seguiu naturalmente o conceito de uma categoria transregional mais ampla de americanos afro-latinos” (ANDREWS, 2007, p. 29).

Quando reflete sobre a "América Afro-Latina", Andrews (2007) o faz no sentido racialmente inclusivo e usa o termo “americanos afro-latinos” ou "afrodescendentes", no sentido racialmente exclusivo, diaspórico, para se referir àqueles indivíduos considerados por si próprios ou pelos outros como "pardos" ou "negros" - e, por isso, "de ascendência africana conhecida". Para ele, ambos os significados e fenômenos, são igualmente importantes. Também diz que a América Afro-Latina não é uma entidade fixa ou imutável, ela flui e reflui e está relacionada com a presença negra, a qual marca uma experiência histórica específica compartilhada por quase todas as sociedades da América Afro-Latina: a experiência da agricultura de plantation e a escravidão africana.

Para entender como as sociedades, as economias, os sistemas políticos e as culturas dessas regiões se tornaram o que são atualmente, Andrews (2007) diz que é necessário estudar as pessoas que foram responsáveis por boa parte da conformação da América Latina, ou seja, os membros da diáspora africana.

No que diz respeito às mulheres negras da América Latina, assim como reflete Hall (2008) acerca do feminismo na década de 1960, é possível dizer que há uma articulação em torno de uma identificação social para o movimento das mulheres negras dessa região e, por conseguinte, das suas ativistas. O uso do conceito afro-latina-americana e caribenha para se referir às mulheres negras da América Latina e Caribe demonstra uma tendência de unificação das especificidades dessas mulheres em torno dessa identidade social, a qual se tornou expressiva a partir de 25 de julho de 1992, quando mulheres negras de setenta países participantes do I Encontro de Mulheres Negras da América Latina e do Caribe, na República Dominicana, promoveram uma reflexão acerca das suas condições.

Nesse sentido, tornar compreensível o que é a identidade das mulheres afro-latinas-americanas será fundamental para subsidiar o debate dos próximos anos. Considerando o que Stuart Hall pensou sobre o feminismo, e sobre movimentos sociais, é possível dizer que o movimento das mulheres negras na América Latina faz um deslocamento em sua identidade social quando utiliza o conceito mulheres afro-latino-americanas para incluir as especificidades das mesmas.

Podemos afirmar, dessa forma, que o uso apenas do conceito “afro-latino-americanas”, indica uma intenção de congregar todas as ‘mulheres negras’ (latinas), ‘afro-latinas’ ou ‘americanas afro-latinas’ e ‘afrodescendentes’, ao carregar em si temáticas voltadas para a construção de estratégias de enfrentamento ao racismo, sexismo, discriminação, preconceito e demais desigualdades raciais e sociais. No caso das mulheres negras brasileiras, que estão incluídas nessa identidade social afro-latino-americana, pode-se dizer que contribuiu para o fortalecimento e maior organização dos movimentos de mulheres negras brasileiras e de suas articulações junto ao Estado - fomentando a ampliação de parcerias e ações, bem como dando visibilidade à luta das mesmas e ao debate sobre a identidade da mulher negra brasileira e de negras de outros países da América Latina.

### **O Festival Latinidades e a disputa de hegemonia a partir do Youtube**

Em meados da década de 1960 e durante os anos de 1970 observa-se no Brasil um crescimento considerável dos movimentos sociais negros e de mulheres negras. Nos anos de 1980, o Estado passou por um período de reformas políticas e econômicas, que possibilitou o aumento e o ‘empoderamento’ desses movimentos. A revisão da Constituição Federal, em 1988, que incluiu algumas pautas desses grupos fez ampliar, também, pesquisas sobre a articulação dos movimentos sociais e a sua influência na construção de políticas. Dessa forma, podemos dizer que a implementação das políticas afirmativas nos anos de 1990 e até a atualidade, as quais surgiram com o intuito de reduzir as desigualdades raciais, não foi somente uma ação “bem intencionada” do Estado, mas fruto da pressão e negociação entre Estado e sociedade civil.

O Festival da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha– Festival Latinidades é entendido aqui como movimento social negro e como um evento também defensor dos direitos humanos da população negra brasileira, especialmente das mulheres negras, que se apropria de várias técnicas, tecnologias e ferramentas da comunicação para fortalecer e realizar os seus objetivos. Nesse sentido, confirma a afirmação de Castell (2000), pois os

(as) organizadores (as) usam a identidade social (mulher afro-latino-americana e caribenha) do evento para promover e dar significados às ações voltadas à formação do seu público.

O fato de o Festival Latinidades ter uma página virtual na internet contribui para o sucesso dessa significação, como afirma Canclini (2008): “a comunicação digital e eletrônica multiplicaram os espaços e circuitos de acesso aos saberes e à formação cultural” (CANCLINI, 2008, p23). Além do site, o Festival conta também com as suas Mídias Sociais - Facebook e Youtube. Ao olharmos para Youtube, onde estão os audiovisuais do 7ª Festival Latinidades, essa mídia nos ajuda a compreender a importância da disputa pela hegemonia.

Na dissertação “A Mulher Caiu na Rede: Representações de Mulher nos Vídeos do Youtube”, Janaina Figueira (2009), afirma que essa página na internet permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. A autora argumenta que o Youtube - comprado pelo Google em 2006 por 1,650 bilhões de dólares - permite que os internautas tenham uma postura mais ativa, podendo estes produzir sua própria informação.

(...) A velocidade da troca de informação também é intensa, sendo que o material disponibilizado na internet tem grande rotatividade, acompanhando os modismos da hora, conectado a - e também lançando - as últimas novidades. (...) O Youtube é assim um site que depende da interação do “internauta”. Hoje em dia o usuário tanto pode ser uma pessoa física, quanto pode ser alguma das empresas que perceberam o potencial de propagação do site e o utilizam para divulgar seus produtos (FIGUEIRA, 2009, p.12).

Marques e Nogueira (2012), ao relacionar movimentos sociais e internet, observam que aqueles necessitam de espaços de visibilidade midiática para fazerem se presentes na cena pública, mobilizarem outros indivíduos e, assim, exercerem pressão coletiva junto à política institucionalizada. Para elas, a comunicação deve ser um pilar fundamental para um movimento, sobretudo se pensada enquanto dinâmica discursiva de articulação interna e externa. “Novos dispositivos midiáticos, como aqueles promovidos pela internet, ampliam as possibilidades de interação e de organização dos movimentos em escala nacional e global” (MARQUES, 2012, p.140), devolvendo a eles maior visibilidade.

A questão da visibilidade no Youtube é algo que merece a nossa atenção. Nesta mídia, segundo Figueira (2009), não importa quem seja o emissor, este não se encontra isolado dos receptores da informação, ou seja, os usuários tornam-se sujeitos ativos no processo comunicacional, que ocorre de forma desterritorializada. Para ilustrar a visibilidade que este canal proporciona, basta observarmos, por exemplo, a quantidade de

visualizações (231.500 até 07/07/ 2015) do vídeo que reproduz a fala da jornalista Maria Julia Coutinho, no Jornal Nacional, sobre os comentários racistas referidos a ela, em 03/07/2015, na página do Jornal Nacional, no Facebook.

Não entrando em detalhes nesse debate, mas olhando para o vídeo, podemos observar que ele não diz muito sobre o emissor da postagem no Youtube, mas muito mais sobre o local de onde partiu a imagem original, ou seja, o Jornal Nacional, da Rede Globo, o mais antigo telejornal em exibição e o de maior audiência da televisão brasileira. A visibilidade, nesse caso, foi relevante porque envolvia a recepção a partir de uma rede comercial, que não vamos aprofundar neste artigo.

No entanto, Moraes (2010) diz que para a contraposição ao poderio midiático, todos os recursos táticos e canais contra-hegemônicos devem ser mobilizados e aproveitados, porque, segundo ele, “as forças renovadoras não podem se dar o luxo de eleger uma única vertente de expressão” (MORAES, 2010, p 72). Nesse sentido, o audiovisual do Festival Latinidades, que foi publicado no Youtube em 6 de novembro de 2014 e tem até hoje (07/07/2015) apenas 159 visualizações, mostra que o Festival Latinidades, assim como os diferentes movimentos sociais negros, tem um desafio muito grande pela frente, não só no que se refere à organização dos seus ativistas, e consequente conversão em força política, mas na modificação de mentalidades e valores, sobretudo em relação às mulheres afro-latino-americanas, alvo dessa discussão. E é por isso que, analisando um dos audiovisuais do Festival, poderemos refletir se a pouca visibilidade está relacionada com o público para quem ele endereça ou quer endereçar suas mensagens.

### **Sobre a seleção do corpus: o Festival Latinidades**

Paralela às discussões político-institucionais acerca dos afrodescendentes, surge, em 2008, em Brasília, o projeto Festival Latinidades - Festival da Mulher Afro-latino Americana e Caribenha com a proposta de dar visibilidade ao histórico de lutas e resistências da mulher negra na América Latina e no Caribe. O Festival nasce para marcar o Dia da Mulher Afro-Latina Americana e Caribenha, comemorado no dia 25 de julho.

Segundo o site Afrolatinas<sup>6</sup> e a página do Facebook 'Latinidades Afrolatinas', o Festival da Mulher Afrolatino Americana e Caribenha abriu espaço para convergir debates e iniciativas do estado e da sociedade civil - poder público, organizações não-governamentais, movimentos sociais e culturais, universidades, redes, coletivos, dentre

---

<sup>6</sup>Disponível em: < <http://www.afrolatinas.com.br/>> Acesso em 01 de jul. 2015.

outros grupos - relacionadas à promoção da igualdade racial e enfrentamento ao racismo e sexismo.

As edições do Festival são anuais e temáticas. Como exceção do primeiro ano, que marcou a data do surgimento do festival e foi realizado em torno de debates e algumas apresentações culturais visando à afirmação do Dia da Mulher Afro-Latino Americana e Caribenha, o festival (de 2009 a 2014) contou com as temáticas: Mulheres Negras na Comunicação (2009); Censo e Políticas Públicas para Mulheres Negras (2010); Mulheres Negras no Mercado de Trabalho (2011); Juventude Negra (2012); Arte e Cultura Negra – Memória Afrodescendente e Políticas Públicas (2013); e Griôs da Diáspora Negra (2014). A edição 2015 acontecerá de 22 a 26 de julho e terá como tema o Cinema Negro.

Na edição de 2014, o festival alcançou um recorde de público e teve projeções internacionais. O evento debateu o tema “Griôs da Diáspora Negra”, tendo como foco o debate sobre herança, tradição e ancestralidade, visando discutir políticas públicas para a valorização dos (as) griôs brasileiros (as) - mestres (as) negros (as) que atuam nos mais diversos campos e linguagens, mestras (as) da cultura popular, zeladoras (as) tradicionais. A finalidade do evento também foi o de promover a valorização e preservação da tradição oral, um dos elementos constitutivos da ancestralidade africana e afrobrasileira, e trabalhar pelo fortalecimento da imagem das mulheres negras como detentoras de saberes indispensáveis às agendas voltadas à construção de uma sociedade livre de desigualdades de raça, gênero/sexualidade, classe, geracional, territorial, dentre outros<sup>7</sup>. Para tanto, entre as convidadas internacionais estavam a escritora moçambicana Paulina Chiziane, autora de *Balada de amor ao vento* (primeiro romance publicado por uma mulher em Moçambique), a socióloga norte-americana Patricia Hill Collins, escritora de estudos sobre o feminismo negro, a doutora Jurema Werneck, integrante da ONG Criola, a filósofa Angela Davis, uma das militantes do movimento negro afro-americano mais conhecida do mundo.

Segundo seus idealizadores, o Festival da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha é a maior festividade que trata de questões referentes à mulher negra na América Latina e Caribe. O diferencial do evento é o seu formato, que tem características culturais e de formação política. Os realizadores acreditam que a cultura é espaço estratégico e mobilizador para os temas que tratam, por isso, o projeto envolve diversas linguagens artísticas - música, dança, teatro, literatura -, formação, capacitação, empreendedorismo, economia criativa e comunicação (LATINIDADES, 2015).

---

<sup>7</sup> Disponível em: < <http://premioabdiasnascimento.org.br/w/noticias?start=10>>. Acesso em 01 jul. 2015



As discussões da 7ª edição se transformam em materiais comunicacionais e, como resultado, foram elaborados audiovisuais ao final do evento com o objetivo de registrar e arquivar as memórias do festival. Os 12 vídeos de 2014 se encontram no Acervo Digital de Cultura Negra – Cultne, que é maior acervo digital de cultura negra da América Latina. Ainda nesta edição, as atrações musicais contaram com apresentações das cantoras Martinália e Elza Soares, sendo esta última uma das entrevistadas que aparece no vídeo que será analisado adiante.

Realizado com a parceria entre a Griô Produções e o Coletivo Pretas Candangas, o Festival já contou com patrocínio de órgãos governamentais, como a Petrobrás, o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada – Ipea, centrais sindicais, ONU-Mulheres, entre outros.

### **Modos de endereçamento como metodologia de análise**

Os modos de endereçamento, em síntese, são escolhas elaboradas pela produção, em detrimento de outras possíveis, para a realização de um filme – o que se estende para produtos midiáticos em geral. Ou seja, as referidas escolhas são baseadas numa relação de caráter sócio-histórico com o público e que envolve expectativa e desejo. Nessa relação, e no processo da produção audiovisual, os responsáveis pelas escolhas narrativas estão imersos na vida social e partilham dos valores de um determinado grupo. Os endereçamentos dizem respeito a quem o emissor pensa que o receptor é. Segundo Itania Maria Mota Gomes (2011), os modos de endereçamento podem ser compreendidos da seguinte forma:

O conceito de modo de endereçamento surge na análise fílmica, especialmente aquela vinculada à screen theory e tem sido, desde os anos 80, adaptado para interpretação do modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores. Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência. (MORLEY; BRUNSDON, 1978) A análise do modo de endereçamento associada ao conceito de gênero televisivo deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e historicamente construídas pelos programas jornalísticos televisivos. Na nossa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais (GOMES, 2011, p. 33).

No artigo “Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também”, Elizabeth Ellsworth (2001) resumiu o conceito na seguinte questão: “quem esse filme pensa que você é?” e traçou um panorama sobre o contexto do surgimento modo de endereçamento. Segundo a autora, os estudiosos de cinema desenvolveram esse conceito - com respaldo teórico e político - para lidar com algumas das grandes questões que atravessam os estudos de cinema, a crítica de arte e de literatura, a sociologia, a antropologia, a história e a educação, ou seja, a relação entre “social” e o “individual”.

O modo de endereçamento não é um conceito neutro na análise cinematográfica. Trata-se de um conceito que tem origem numa abordagem de estudos do cinema que está interessada em analisar como o processo de fazer um filme e o processo de ver um filme se tornam envolvidos na dinâmica social mais ampla e em relações de poder. Embora os públicos não possam ser simplesmente posicionados por um determinado modo de endereçamento, os modos de endereçamento oferecem, sim, sedutores estímulos e recompensas para que se assumam aquelas posições de gênero, status social, raça, nacionalidade, atitude, gosto, estilo às quais um determinado filme se endereça. ( ELLSWORTH, 2001 p.24-25)

Nesta pesquisa, toma-se como referência os trabalhos de Simone Rocha<sup>8</sup> e as categorias de análise formuladas pelo grupo de pesquisa ao qual é coordenadora. Os operadores de análise variam conforme a necessidade do produto cultural, neste artigo serão utilizados três: a) ambiente de cena: trata de descrever os espaços sociais e as narrativas que compõe o produto; b) temática: refere-se a proposta de diálogo com o espectador através dos temas; c) mensagens: se propõe a identificar a mensagens direcionadas aos espectadores.

### **Em busca de resultados: análise do audiovisual CULTNE - Elza Soares - Latinidades 2014**

Durante os cinco minutos e trinta e quatro segundos de vídeo, houve o registro de sete cenas. Após iniciar com a vinheta do festival, o vídeo se dividiu entre três cenas internas e quatro externas.

<b>Cena 1</b>	<b>Interna/camarim</b>
<b>Cena 2</b>	<b>Externa/palco/show</b>

<sup>8</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ com pós-doutorado em Comunicação pela UFMG. Professora do PPGCOM/UFMG e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Mídia e Cultura, no qual é utilizado os modos de endereçamento como metodologia principal.

<b>Cena 3</b>	<b>Externa/palco/desfile</b>
<b>Cena 4</b>	<b>Externa/palco/show</b>
<b>Cena 5</b>	<b>Interna/palestras</b>
<b>Cena 7</b>	<b>Interna/camarim</b>
<b>Cena 8</b>	<b>Externa/show/público</b>

Tabela 1: divisão das cenas.  
Fonte: produzido pelas autoras.

No que se refere à temática, operador que investiga os principais temas dos produtos audiovisuais, isto é, os assuntos a partir dos quais os enredos se desenvolvem, foram selecionados para a análise aqueles que estão relacionados com a identidade da mulher afro-latino-americana: ‘mulheres negras’ (latinas), ‘afro-latinas’ ou ‘americanas afro-latinas’ e ‘afrodescendentes’. O uso do conceito afro-latino-americana não aparece explicitamente no audiovisual. No entanto, na vinheta de abertura, observamos que foi utilizado um trecho musicado do poema “Gritaram me negra”<sup>9</sup> (*De pronto unas voces en la calle/ me gritaron ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!*), da afro-peruana Victoria Santa Cruz - coreógrafa, dançarina, figurinista; formada na Escola Superior de Estudos Coreográficos, em Paris, foi, ainda, fundadora do Teatro y Danzas Negras del Perú. Por meio dessa poesia musicada, disponível no Youtube, Victoria fala de sua condição de mulher negra e de seu processo de consciência, levando a destacar em coro – e em voz alta – o sentido que a palavra negra adquiriria para ela, após anos de negação de sua identidade.

Em “Diferença, Diversidade e Diferenciação”, Avtar Brah (2006) analisa a categoria “negro” (black) como sinal comum para a experiência de grupos africanos-caribenhos e do sul da Ásia na Grã-Bretanha do pós-guerra. Para abordar o assunto, parte das várias noções de “diferença”, que surgiram na recente controvérsia sobre a categoria “negro”. A partir do debate, mostra como essa categoria operou como sinal contingente em diferentes circunstâncias políticas. Assim, explica o contexto do surgimento do conceito “negro”:

O conceito de “negro” surgia como um termo especificamente político envolvendo pessoas africanas-caribenhas e sul-asiáticas. Ele constituiu um sujeito político inscrevendo a política de resistência contra racismos centrados na cor. O termo foi adotado pelas coalizões emergentes entre organizações e ativistas africanos-caribenhos e asiáticos do sul no final dos anos 60 e nos 70. Foram influenciados pelo movimento do Poder Negro (Black Power) nos EUA, que tinha posto o conceito de “negro” de cabeça para baixo, despidendo-o de suas conotações pejorativas em

<sup>9</sup> O poema completo e traduzido está no Youtube. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=RIjSb7AyPc0>

discursos racializados, transformando-o numa expressão confiante de uma identidade afirmativa de grupo. O movimento do Poder Negro urgia os negros norte-americanos a construir a “comunidade negra” não como uma questão de geografia, mas antes em termos da diáspora africana global. Evitando o “cromatismo” – a base de diferenciação entre negros segundo o tom mais claro ou mais escuro da pele – “negro” tornou-se uma cor política a ser afirmada com orgulho contra racismos fundados na cor. Os ativistas africanos-caribenhos e sul-asiáticos na Grã-Bretanha tomaram o termo emprestado ao movimento do Poder Negro para estimular uma rejeição ao cromatismo entre aqueles definidos como “pessoas de cor” na Grã-Bretanha (BRAH, 2006, p. 333).

A vinheta de abertura indica a afirmação da identidade, ao repetir várias vezes essa cor política, citada por Brah (2006). Quando Elza Soares surge no palco falando para a plateia, observamos que a cantora endereça seu discurso para o público que foi vê-la no show e também especificamente para as mulheres negras brasileiras, mas de modo sutil, ao convocá-las: *“Estou muito feliz por poder participar como mulher negra... Com a força da mulher, porque a gente sabe que é uma batalha. Para o negro, tudo é muito mais difícil, mas a gente tem certeza que não existe mais guerra; só existe caminhada, porque a beleza está por dentro, ela está por cima de tudo. E vamos nós. Vamos nós mulherada!”*.

No entanto, ao dizer, em seu camarim: *“Por favor, vá em frente, olha no espelho e se ache linda e maravilhosa, porque não existe cor existe alma. Não existe cor, existe ser humano. E nós somos seres humanos e temos alma. Então vai pra frente meninas linda. Beijo pra nós. (...) Estamos na luta. E somos vencedoras!”*, a cantora, que tem públicos diversos, reproduz uma fala que agrada aos que estão afinados com o discurso hegemônico, ou seja, aquele que está presente no “mito da democracia racial”, mito este que ainda é vigente no país e que, na maioria das vezes, impossibilita o olhar para o conflito racial, para as desigualdades raciais existentes no Brasil, como expõe Carlos Hasenbalg (2005):

O mito da democracia racial não só implicou uma “reconstrução idílica” do passado e a persistência do clientelismo [...] a comparação freqüente dessa realidade com a situação racial de outras sociedades, particularmente os Estados Unidos, ajudava a moldar a auto-imagem favorável dos brasileiros com referências às relações sociais. Os princípios mais importantes da ideologia da democracia racial são a ausência de preconceito e discriminação racial no Brasil e, conseqüentemente, a existência de oportunidades econômicas e sociais iguais para brancos e negros (HASENBALG, 2005, p. 251).

Como artista e pessoa pública, Elza, mesmo sendo mulher e negra não é uma ativista. Ela é cantora, portanto, tem de ser cautelosa no falar. A sua fala não é voltada apenas para o público deste Festival que visa “dar visibilidade ao histórico de lutas e resistências da mulher negra na América Latina e no Caribe”. Entretanto, em outro

momento, quando diz “Homofobia fora”, ela explicita o endereçamento para um público específico, o LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e Transgêneros), o qual é composto por pessoas que luta contra a discriminação e defendem os direitos civis de pessoas LGBT. Nesse sentido, ela é mais ‘ativista’, fala de preconceito (não necessariamente do racial) e discursa contra a homofobia: *É muita honra, muito prazer estar aqui. Fazer um trabalho de tanta seriedade. Falar da negritude, falar da mulher. Falar do mundo gay, que eu acho que ninguém brigou mais com esse Feliciano (deputado federal contrário às pautas do movimento LGBT) do que eu. Eu acho um absurdo. É um absurdo. É preciso acabar com o preconceito. É preciso acabar com a homofobia. É preciso acabar com isso... Meu deus, até quando a gente vai ter que lutar com isso? Até quando vai ter que lutar com isso? Até quando a gente vai ter que gritar? Até quando vai ter que falar? Homofobia fora. Preconceito fora. Fora. Fora. Fora”*.

Nestes três momentos de fala observamos, na narrativa, que as mensagens são endereçadas a públicos diversos, tanto quanto é o público da cantora, ou seja, aqueles que consomem seus discos. Nesse sentido, podemos dizer que houve o diálogo com não negros, com a mulher negra e com o público LGBT (também composto por mulheres lésbicas). Elza endereça suas falas para a mulher negra, mas não faz o uso do conceito ‘afro-latino-americana’. É fato que somos latino-americanos, portanto, as mulheres negras brasileiras também o são. Assim, os estudos sobre a identidade dessa mulher afro-latina americana, que ainda está sob investigação no desenvolver da dissertação, vai nos dizer com mais profundidade acerca do momento do deslocamento, dentro do movimento de mulheres negras, da identidade social “mulher negra” para “mulher afro-latino-americana” para melhor afirmar se o uso ou não do conceito é necessário para nominar essas mulheres.

### **Considerações finais**

Este trabalho faz parte do início de uma pesquisa que pretende investigar a inserção ou restrição do conceito afro-latino-americana na 7ª edição do Festival Latinidades - Festival da Mulher Afro-Latino Americana e Caribenha, a partir da análise dos audiovisuais que foram produzidos durante o evento e disponibilizado após a realização do Festival no canal do Youtube do Acervo Cultne. A pesquisa pretende contribuir, sob o viés dos Estudos Culturais, para o conhecimento sobre a construção dessa identidade étnica na América Latina diaspórica e pós-colonial e, por conseguinte, para os estudos sobre mídia e questão racial na América Latina.

Estudos sobre a identidade da mulher negra são complexos. Bell Hooks (2015), estudiosa do feminismo e de mulheres negras, afirma que, em termos gerais, “as feministas privilegiadas têm sido incapazes de falar, com e pelos diversos grupos de mulheres, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação”. Nesse sentido, compreendermos a identidade da mulher afro-latino-americana é contribuir para que mulheres negras e não negras tenham o conhecimento sobre o que as afastam e o que as unem nas suas lutas, tanto em relação às mulheres brancas como em relação às mulheres negras de outros países da América Latina.

A questão racial é um assunto que deve ser debatido em várias áreas de conhecimento e pela sociedade como um todo. A sub-representação da população afrodescendente nos meios de comunicação hegemônicos na América Latina também. Refletir sobre os endereçamentos feitos às mulheres negras-afro-latino-americanas em produtos de mídia é pensar - tanto nos processos comunicacionais como nos produtos oriundos destes - quais discursos estão sendo alimentados, bem como pensar alternativas comunicacionais que dêem mais visibilidade e de forma adequada, que contribua para disputa de hegemonia e que rompam com preconceitos históricos endereçados aos afrodescendentes. Os processos comunicacionais, a maior visibilidade, bem como a representação das mesmas na mídia, precisam encontrar espaço em pesquisas que envolvem a relação entre comunicação, mídia, culturas e identidades, dentre outros temas, na América Latina.

Faz parte ainda das considerações finais deste trabalho o resultado da observação do debate político em torno dos afrodescendentes das Américas. É possível afirmar que a cultura e a identidade das afro-latino-americanas têm tido uso recorrente nas políticas afirmativas brasileiras, mas também têm se estendido a outros países da América Latina, sobretudo aqueles signatários de documentos, tratados e convenções internacionais como a Conferência de Durban (2001), a Declaração de Salvador (2008), a Agenda Afrodescendentes das Américas (2011), dentre outros. A Década a Década Internacional dos Afrodescendentes (2015) exigirá um olhar mais atento sobre essa população, um olhar que não pode ficar restrito apenas entre aqueles que debatem a produção da “imprensa negra”.

## **Referências bibliográficas**

ANDREWS, George Reid. **América Afro-Latina - 1800-2000**. São Carlos (SP): EdUFSCar, 2007.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura — poder da identidade**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v.2.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas**; tradução Ana Goldberger. —. São Paulo: Iluminuras, 2008.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

GOMES, Itânia Maria Mota (org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

**Latinidades - Festival da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha**. 2015 Disponível em: [http://issuu.com/grioproducoes/docs/prj\\_latinidades\\_2015\\_online](http://issuu.com/grioproducoes/docs/prj_latinidades_2015_online). Acesso em: 25 jun. 2015.

**Latinidades - Festival da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha**. Paula Balduino, Sabrina Faria e Uila Gabriela (organização e edição). Brasília: Editora Ipea, 2012.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito* (org. e trad.), Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FIGUEIRA, Janaina Moreira. **A Mulher Caiu na Rede: Representações de Mulher nos Vídeos do Youtube**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Rev. Bras. Ciênc. Polít. no.16 Brasília Jan./Abr. 201. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522015000200193&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522015000200193&script=sci_arttext). Acesso em: 30 jun 2015.

MARQUES, Angela Cristina; NOGUEIRA, Erika. **Estratégias de visibilidade utilizadas por movimentos sociais na internet**. Revista Comunicação Midiática (Online), v. 7, p. 138-161, 2012. Disponível em: <http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/209/135>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MORAES, Dênis de. **Comunicação, Hegemonia e Contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan-jun, 2010.